



Febrero 2020 - ISSN: 1988-7833

O QUE OS ADOLESCENTES ESCOLARIZADOS SABEM SOBRE O PAPILOMA VÍRUS HUMANO

What schooled teenagers know about the human papilloma virus
Lo que los adolescentes escolares saben sobre el papiloma del virus humano

Polliana Lúcio Lacerda Pinheiro¹

Professora Mestre do Centro Universitário de Formiga, UNIFOR-MG, Brasil
pollianallacerda@gmail.com

Matilde Meire Miranda Cadete²

Professora Dra do Centro Universitário Una, Brasil
matildemiranda@gmail.com

Para citar este artículo puede utilizar el siguiente formato:

Polliana Lúcio Lacerda Pinheiro y Matilde Meire Miranda Cadete (2020): "O que os adolescentes escolarizados sabem sobre o papiloma vírus humano", Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales, (febrero 2020). En línea:

<https://www.eumed.net/rev/cccss/2020/02/adolescentes-papiloma-humano.html>

RESUMO

Objetivo: analisar o conhecimento dos adolescentes escolarizados acerca do papiloma vírus humano (HPV) para sua vida sexual e reprodutiva, tendo em vista o desenvolvimento local. **Método:** o cenário de estudo foi uma Escola Estadual do interior de Minas Gerais. Foram sujeitos da pesquisa os adolescentes compreendidos na faixa etária de 10 a 19 anos de idade. A metodologia foi descritiva com abordagem qualitativa e utilizou como instrumento de coleta de dados entrevistas semiestruturadas. A análise dos dados foi feita por transcrição e análise de conteúdo por meio do programa IRAMUTEQ. **Resultados:** a pesquisa revelou lacunas de conhecimento dos adolescentes acerca do HPV, falta de informações sobre as medidas preventivas e de rastreamento, ocorrência de gravidez precoce, além de agravos como o início precoce das relações sexuais, a ausência de diálogo com os pais e da atuação dos profissionais de saúde na escola. **Conclusão:** evidencia-se a relevância de promover uma intervenção social juntamente com a comunidade escolar por meio de estratégias intersetoriais e interdisciplinares, agregando valores que irão contribuir com o desenvolvimento local e com a promoção à saúde do adolescente.

Descritores: Adolescente, Sexualidade, Papiloma vírus humano, Educação, Desenvolvimento local.

¹Enfermeira, Especialista em Saúde Materno Infantil, Mestre em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local pelo Centro Universitário Una. Professora do Centro Universitário de Formiga, UNIFOR-MG. E-mail: pollianallacerda@gmail.com

²Enfermeira, Doutora em Enfermagem e Mestre em Enfermagem Pediátrica, Professora do Programa de Pós-Graduação, stricto sensu, Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local pelo Centro Universitário Una. E-mail: matildemiranda@gmail.com

ABSTRACT

Objective: analyze the teenagers knowledge in school about the human papiloma virus (HPV) for their sexual and reproductive life, with a view to local development. **Method:** the study scenario was a State School in the interior of Minas Gerais. The methodology was descriptive with qualitative approach and used the semi-structured interviews a instrumento of data collection. The data analysis was done by transcription and analysis of thematic content through the program IRAMUTEQ. **Results:** the research revealed gaps in adolescents' knowledge about HPV, a lack of information about preventive and screening measures, the occurrence of early pregnancies, as well as problems such as early sexual intercourse, the absence of dialogue with parents and the work of health professional in school. **Conclusion:** the relevance of promoting social intervention with the school community through intersectoral and interdisciplinary strategies, adding values that will contribute to local development and to promotion of adolescent health.

Descriptors: Adolescent, Sexuality, Human Papilloma Virus, Education, Local Development.

RESUMEN

Objetivo: analizar el conocimiento de adolescentes educados sobre el virus del papiloma humano (VPH) para su vida sexual y reproductiva, considerando el desarrollo local. **Método:** el escenario de estudio fue una escuela estatal en el interior de Minas Gerais. Los sujetos de investigación fueron adolescentes de 10 a 19 años. La metodología fue descriptiva con enfoque cualitativo y se utilizó como instrumento de recolección de datos en entrevistas semiestructuradas. El análisis de datos se realizó mediante transcripción y análisis de contenido utilizando el programa IRAMUTEQ. **Resultados:** La investigación reveló lagunas en el conocimiento de los adolescentes sobre el VPH, la falta de información sobre las medidas preventivas y de detección, la aparición del embarazo temprano, así como problemas como el inicio temprano de las relaciones sexuales, la falta de diálogo con los padres y desempeño de profesionales de la salud en la escuela. **Conclusión:** se destaca la importancia de promover la intervención social con la comunidad escolar a través de estrategias intersectoriales e interdisciplinarias, agregando valores que contribuirán al desarrollo local y la promoción de la salud de los adolescentes.

Palabras clave: Adolescente, Sexualidad, Virus del papiloma humano, Educación, Desarrollo local.

1 Introdução

O escasso nível de conhecimento dos adolescentes sobre a forma de transmissão e prevenção do papiloma vírus humano (HPV), bem como sua oncogenicidade pode ser evidenciado por uma ampla literatura mundial como revelam os estudos realizados por Contreras-González et al. (2017), Friedrich, Lizott e Kreuger (2016), Villegas-Castaño e Tamayo-Acevedo (2016), Chehuen-Neto et al. (2016), Oliveira e Andrade (2016), Baruffi (2015) e Carvalho, Almeida e Scaldaferrri (2014), o que fomenta a necessidade de pesquisas, pois além desse vírus acometer ambos os sexos, atualmente, segundo dados do Instituto Nacional do Câncer (INCA, 2015), o HPV tem sido considerado a infecção sexualmente transmissível (IST) mais incidente na sociedade e, segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2017) o HPV é o principal vírus relacionado a IST independente da região.

Considera-se como adolescência o período situado entre 10 e 19 anos (BRASIL, 2013). Figueiredo e Barros (2014) mencionam que os adolescentes recebem influência midiática no sentido de despertar cada vez mais sua sexualidade de maneira prematura e sem preparo, o que afeta a saúde pública.

Contreras-González et al. (2017), Friedrich, Lizott e Kreuger (2016), Villegas-Castaño e Tamayo-Acevedo (2016) e Baruffi (2015) atestam que há uma correlação entre o início precoce da vida sexual, a multiplicidade de parceiros e ausência de medidas preventivas, além do conhecimento insuficiente sobre a oncogenicidade do vírus que torna os adolescentes mais suscetíveis ao HPV.

O pouco conhecimento sobre o HPV entre mulheres e homens da sociedade traz como consequência a baixa adesão às medidas preventivas, especialmente, a vacina contra o HPV, fornecida pelo Ministério da Saúde com o intuito de delinear estratégias de promoção à saúde da

população. Estudo revela que não ter conhecimento sobre o HPV, assim como a vacina, gera menos adesão a medidas preventivas (ZANINI et al., 2017).

É importante enfatizar que o Ministério da Saúde promove e incentiva a vacinação associada ao exame preventivo, também conhecido como exame de Papanicolaou para prevenir a afecção, pois o câncer cervical é a terceira causa de óbito por câncer entre as mulheres brasileiras (BRASIL, 2018; BRASIL, 2017; INCA, 2015).

Também o Ministério da Saúde trabalha com o Ministério da Educação para alcançar o público adolescente por intermédio do Programa Saúde na Escola (PSE) instituído pelo Decreto Presidencial nº 6.286, de 05 de dezembro de 2007 para melhoria da qualidade de vida dos brasileiros (BRASIL, 2011). Como corroboram Higa et al. (2015, p. 880) “a educação não se reduz à escolarização ou, meramente, à instrução. Educar é construir redes de significações culturais e de comportamentos, de acordo com os códigos sociais vigentes, reproduzindo padrões”.

Para tanto, promover estratégias educacionais em busca de mudanças de atitudes é fundamental. De acordo com o estudo de Maia et al. (2016, p. 77), “as escolas abordam apenas a visão biologicista da sexualidade, e ainda assim, de forma deficitária”.

Assim, pensando nesse cenário escolar, acredita-se na possibilidade de se propor medidas educativas e preventivas por meio da educação em saúde em associação com a comunidade escolar traçando estratégias intersetoriais e interdisciplinares com a intenção de educar os adolescentes a se autoconhecerem enquanto seres em desenvolvimento.

Diante do exposto, esta pesquisa objetivou analisar o conhecimento dos adolescentes escolarizados sobre a forma de transmissão, prevenção, rastreamento e oncogenicidade do HPV para sua vida sexual e reprodutiva tendo em vista o desenvolvimento local.

Desse modo, conhecendo o que os adolescentes sabem acerca do HPV, compreendendo a sexualidade como parte da vida humana e que a fase da adolescência é um momento importante para se trabalhar promoção e prevenção à saúde, um grande desafio é conscientizar-se sobre a realidade vivenciada para, assim, promover saúde e educação provocando mudanças na realidade local, a fim de que práticas educativas alcancem resultados, tornando os adolescentes menos susceptíveis a esse tipo de infecção e mais preparados para desenvolver um comportamento de autocuidado que irá refletir na melhoria da qualidade de vida.

2 Método

Trata-se de um estudo com abordagem metodológica qualitativa de caráter descritivo que teve por unidade de análise uma escola estadual situada no interior de Minas Gerais. Foram sujeitos da pesquisa 31 adolescentes matriculados na Escola mencionada após autorização dos pais ou responsável legal por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Assim, individualmente os adolescentes foram chamados para a entrevista em uma sala da escola previamente escolhida e autorizada pela diretoria da Escola, em busca de um local onde havia privacidade e silêncio para o encontro face a face entre entrevistador/entrevistado. A princípio, o adolescente foi orientado e solicitado permissão para uso do gravador, posteriormente o adolescente leu e assinou o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido para a entrevista e o termo de autorização para gravação das entrevistas. Chegou-se à saturação de dados com 14 adolescentes entrevistados.

Para que fossem preservadas suas identidades e garantir o anonimato, os adolescentes foram denominados Adolec1 a Adolec14 e, como surgiram perguntas após o momento em que o gravador foi desligado a pesquisadora aderiu, também, a um diário de campo.

Ressalta-se que o projeto desta pesquisa foi registrado na Plataforma Brasil e foi aprovado pelo Comitê de Ética do Centro Universitário Una, CAAE 82786018.9.0000.5098.

3 Resultados e discussão

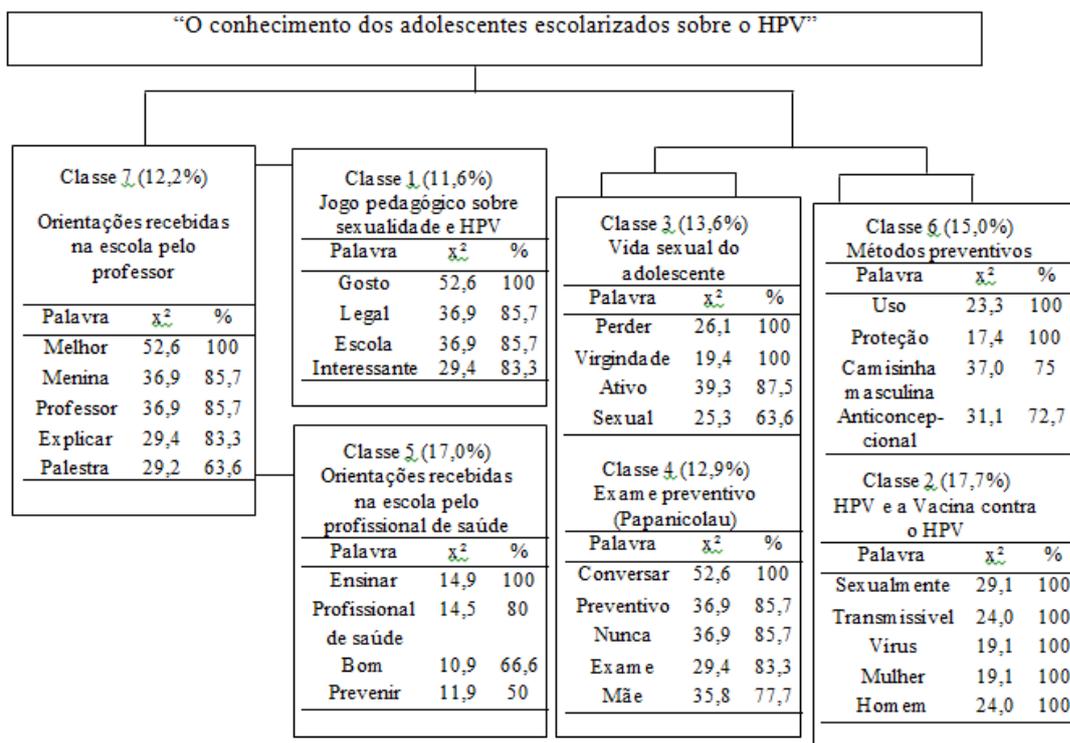
Para análise de conteúdo das entrevistas à luz de Bardin (2016), foi feita uma pré-análise, exploração do material, tratamento dos dados obtidos e interpretações. Para tanto, houve transcrição das entrevistas e adequação pelas pesquisadoras à linguagem do software *Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* (IRAMUTEQ) para posterior exploração do conteúdo.

É importante ressaltar que, para realizar as análises dos conteúdos textuais, foram utilizadas as técnicas de classificação hierárquica descendente, análise de similitude e nuvem de palavras, que agrupam e organizam graficamente de acordo com sua frequência (SALVIATI, 2017). Assim, a

análise indicou uma convergência das características empíricas em torno de sete classes que serão mencionadas detalhadamente nesta pesquisa.

A classificação hierárquica descendente (CHD) produz uma análise de classes de segmentos de texto (ST) com similaridade entre si e, simultaneamente, diversificada dos demais ST de outras classes, a partir da afinidade e frequência baseada na estatística χ^2 pelo radical léxico e classes formadas comparando com a integralidade do *corpus* textual (SALVIATI, 2017), gerando um dendograma, conforme ilustra a Figura 1 a seguir.

Figura 1 - Dendograma da classificação hierárquica descendente.



Fonte: dados da pesquisa, 2018.

Ao ler esse dendograma é possível visualizar dois *subcorpus*, um representa as classes 7, 1 e 5 relativo a 40,8% das falas dos adolescentes entrevistados e o outro representa as classes 3 e 4, 6 e 2, relativo a 59,2% das falas dos adolescentes entrevistados. É possível perceber que as classes 1, 5 e 7 se agrupam por estarem relacionadas a educação em saúde e como os entrevistados percebem essa necessidade e desejam que ela aconteça. Já as classes 3 e 4, 6 e 2, estão relacionadas ao conhecimento do HPV para a vida sexual e reprodutiva dos adolescentes, assim como as medidas preventivas e de rastreamento.

As palavras mais representativas da classe 1 – jogo pedagógico sobre sexualidade e HPV foram: gosto, legal, escola, interessante. Essa categoria evidencia que os adolescentes entrevistados demonstraram afinidade pela educação em âmbito escolar por meio de um jogo pedagógico. Para Panosso, Souza e Haydu (2015), os jogos pedagógicos são considerados uma ferramenta por meio da qual a aprendizagem é proporcionada e, no caso desta pesquisa, se torna uma contingência de ensino para promover educação em saúde, saúde esta viabilizada a partir da autonomia para o autocuidado o que favorece o desenvolvimento local.

Mas por que pensar que a estratégia de promover saúde a partir da educação via jogo pedagógico pode favorecer o desenvolvimento local? Sabe-se que estratégias educativas que se apoiam em métodos de ensino participativos, como os jogos, motivam a interação e conscientização dos adolescentes sobre a importância de se prevenir das IST e das demais vulnerabilidades características da fase da adolescência, pois os jogos pedagógicos permitem situações lúdicas que ampliam o campo do conhecimento e propiciam mudança de comportamento (CARNEIRO et al, 2015).

A educação implica em processo endógeno que reflete mudança de atitudes, Góes e Machado (2013) colocam que as práticas educativas permeadas pelo princípio da intersectorialidade, no caso desta pesquisa, os setores da educação e saúde, e a participação dos cidadãos contribuem de maneira significativa para identificar e mobilizar os recursos locais em prol de uma melhoria da qualidade de educação e saúde da população.

Algumas falas dos adolescentes ajudam a compreender de forma ilustrativa o conteúdo dessa classe e o contexto das palavras, ao serem questionados sobre a inclusão do jogo pedagógico acerca da sexualidade e HPV na escola:

Gosto. Haaa, seria ótimo, principalmente para quem gosta mesmo de jogar. Assim, um jogo de cartas, talvez, eu acho que seria legal estilo perguntados. Ah eu acho que isso, tem que ter muito mais consciência, principalmente nas escolas porque eu acho que eles tão dando tanta importância em preparar a gente para um vestibular que eles não pensam em preparar a gente pra vida real, porque a nossa vida não é definida pelo vestibular, muita gente aqui nem vai fazer e a gente precisa sair daqui pronto pra vida e não pra uma prova (Adolec4).

Gosto. Acho que seria legal por que nem todo mundo conhece e nem toda mãe tem liberdade de fala isso com os filhos (Adolec11).

As palavras mais representativas da classe 2 – HPV e a vacina HPV foram: sexualmente, transmissível, vírus, homem, mulher. Essa classe traz o pouco conhecimento acerca do HPV e da vacina HPV pelos adolescentes entrevistados. Unidades de registro desses adolescentes ilustram essas assertivas. Vejamos, *a priori*, o que eles mencionam sobre o HPV:

Eu sei que é um vírus que é contaminado sexualmente e que também pode ser contaminado por sangue e por injeção [...] (Adolec1).

Que é uma doença... é... sexualmente transmissível, que não tem cura, mas tem como controlar, pode também... acho que é transmitida pelo sangue (Adolec3).

Posteriormente, têm-se os depoimentos sobre a vacina HPV:

Não sei e nunca tomei (Adolec6).

Sei! Sei que previne no caso, não sei se acredito que previne, mas a gente toma né? Eu já tomei, não sei te falar quantas vezes, mas eu sei que já tomei [...] (Adolec7).

Comprova-se com esses relatos o que a literatura científica, de forma categórica, afirma sobre o nível deficitário de conhecimento dos adolescentes acerca do HPV, o que gera menor adesão às medidas preventivas pelo desconhecimento das formas de contágio, corroborando estudo realizado por Genz et al. (2017) com adolescentes de 10 a 19 anos, de uma escola municipal, onde a maioria não conhecia as formas de transmissão e a forma adequada de prevenção. Também o estudo de Albuquerque et al. (2014), com meninos do ensino fundamental de três escolas públicas, demonstrou que um, a cada três deles, utiliza camisinha em suas relações sexuais, além de alto nível de desconhecimento acerca da transmissão das IST.

Outros estudos realizados com adolescentes como o de Rodríguez, Martínez e Tejada (2018), Contreras-González et al. (2017) e Gichane et al. (2016) também legitimam o pouco conhecimento dos adolescentes sobre HPV.

Entre as oito adolescentes entrevistadas sete tomaram a vacina, mas somente duas receberam o esquema vacinal completo de duas doses conforme recomendado pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2017). Importante ressaltar que meninas possuem maior conhecimento do que os meninos e, conseqüentemente, maior adesão à vacina conforme ilustra a pesquisa em questão e corrobora o estudo de Vaidakis et al. (2017), pois a falta de conhecimento sobre o HPV se relaciona com a baixa adesão à vacina contra o HPV o que sugere a necessidade de medidas educativas como testificam os estudos de Prayudi et al. (2016), Turiho et al. (2015) e Coles et al. (2014).

Nesta pesquisa, dos cinco adolescentes entrevistados somente um tomou a vacina e resultados do estudo de Vaidakis et al. (2017) apontam que menos da metade dos adolescentes da amostra sabia sobre a vacina e a proporção era significativamente menor entre os meninos.

Relacionado à classe 3 – vida sexual do adolescente, as palavras mais representativas foram: perder, virgindade, ativo, sexual. Essa classe revela a problemática do início precoce das relações sexuais, o despreparo dos adolescentes para uma vida sexualmente ativa e a multiplicidade de parceiros, nesta pesquisa entendido como dois ou mais parceiros.

Então, é complicado. Risos. De todo mundo é, mais é ativa e já tive mais... mais de dois parceiros, mas no momento tô fixa só com um [...] (Adolec4).

Eu comecei a ter relação sexual de 14 pra 15 com meu ex, mas aí depois que a gente largou eu continuei tendo relação sexual com pessoas que eu conheci [...] (Adolec7).

Minha vida sexual é... hummmm.. ela não é ativa não [...] perdi a virgindade com 11 anos (Adolec9).

Esses comportamentos de risco podem comprometer a vida futura dos adolescentes, trazendo-lhes repercussões negativas, dentre elas, as IST e a gestação precoce e indesejada para aquele momento. Essa assertiva se confirma na unidade de registro da Adolec12, como pode ser percebido ao falar sobre sua vida sexual:

Pai eterno! Não vou responder... Já... engravidei com 14 anos e... eu perdi (olhos lacrimejaram) (Adolec12).

Independentemente de a gravidez ter sido planejada ou não, a memória da adolescente a faz reviver momentos de tristeza, de angústia pela criança não nascida, o feto não personificado. Não cabia, eticamente, à pesquisadora questionar o motivo da “perda” da criança por não ser objetivo deste trabalho. Simplesmente, no momento dessa revelação pôs-se à escuta qualificada e deixou um tempo para a adolescente se refazer da emoção.

Outro fator salutar foi o envolvimento de uma adolescente de 13 anos com um adolescente de 16 anos que provocou a perda da virgindade, de forma inesperada, mas com desejo de ambos. A história não foi revelada aos pais e tão logo o gravador foi desligado, a adolescente tímida, com vergonha e dificuldade de diálogo comentou/perguntou que “a mãe não sabe que ela perdeu a virgindade e como ela faria para fazer o exame preventivo” [...] “Se eu for na médica, contar pra ela que não sou virgem mais e pedir pra fazer o exame preventivo... quando eu sair ela vai contar pra minha mãe?”

Nessa oportunidade, a pesquisadora aderiu a um diário de campo e orientou a adolescente quanto à ética profissional e o direito dela de ser assistida em saúde sem relatos do profissional a terceiros sendo orientada a procurar a enfermeira da Unidade Básica de Saúde para realizar a consulta de enfermagem, o exame preventivo e receber orientações sobre métodos preventivos.

Esses achados podem transmitir com esmero a importância da educação em saúde em prol de autonomia para o autocuidado e mudanças de comportamento que irão refletir na vida individual e coletiva dos adolescentes e no desenvolvimento local além de produzir melhoria na qualidade de vida. Os educadores e os profissionais de saúde precisam valorizar a importância do PSE (BRASIL, 2011) para a vida dos adolescentes. Como afirmam Figueiredo e Barros (2014, p. 5350) “a dificuldade dos pais em tratar o assunto de forma aberta, coesa e significativa aumenta ainda mais a responsabilidade dos educadores perante os jovens, cada vez mais sedentos de informações”. E, segundo Nery et al. (2015), como os adolescentes conversam pouco com os pais a respeito, o profissional de saúde precisa conscientizar-se da sua importância na educação.

Sobre o início sexual precoce, os achados desta pesquisa são corroborados pelo estudo de Maranhão et al. (2017), quando mencionam que o início precoce da vida sexual leva os adolescentes a riscos das IST, a uma multiplicidade de parceiros e à gravidez na adolescência e, tão importante quanto esses fatores é a não adesão a métodos preventivos durante sua primeira relação sexual e receber orientação na escola no intuito de favorecer o adiamento da primeira relação sexual. Danno et al. (2016), Macedo e Conceição (2015) também apoiam essa premissa.

Atestam Lara e Abdo (2015) que adolescentes que iniciaram precocemente as relações sexuais (menos de 14 anos) tinham maior probabilidade (3,8 vezes mais) de terem mais de dez parceiros sexuais durante a vida e eram mais propensas a ter dois ou mais parceiros sexuais recentes, IST e alteração do colo do útero devido ao HPV.

As palavras mais representativas da classe 4 – exame de preventivo foram: conversar, preventivo, nunca, exame, mãe. Essa classe indica a falta de adesão das adolescentes ao exame preventivo, por receio de conversar com os pais a respeito do início da vida sexual e, até mesmo, por desconhecerem a importância do exame para sua saúde.

É... eu sei que é um exame, minha mãe e minha irmã fazia, mas eu nunca fiz. Não sei como que é, mas previne doença. Nunca falei com ninguém sobre esse exame, mas tenho vontade de fazer [...] (Adolec2).

Já ouvi falar, mas... exatamente o que é, eu não sei não. [...] (Adolec6).

Não. Nunca fiz e nem conversei com ninguém sobre isso [...] (Adolec10)

Nota-se que as adolescentes entrevistadas não possuem essa informação ou não conversam com os pais, educadores ou profissionais de saúde a respeito legitimando Zouheir et al (2015) ao mencionarem que entre os adolescentes entrevistados 71,3% não sabiam da correlação entre o HPV e o câncer de colo do útero e 79,2% não conheciam o exame preventivo. Para Koç (2015), somente 10% dos adolescentes entrevistados responderam que o HPV é considerado um fator de risco ao câncer de colo do útero e 87,0% não sabiam sobre o exame preventivo.

Sobre a falta de diálogo entre os pais, educadores e profissionais de saúde, Campos et al. (2016) validam a dificuldade apresentada pelos adolescentes em se comunicarem com os pais e com os parceiros, Cavalcanti et al. (2016) indicam que é importante promover informação e facilitar o acesso as unidades de saúde.

Em relação as palavras mais representativas da classe 5 - orientações recebidas na escola pelo profissional de saúde tem-se: ensinar, profissional de saúde, bom, prevenir. Essas palavras indicam que os adolescentes se interessam em ser orientados por um profissional de saúde a fim de melhorar as informações sobre sexualidade e HPV.

Eu acho que é muito importante porque tem muita gente que apesar de já tá no ensino médio não tem tanto conhecimento assim (Adolec1).

Acho interessante, ainda mais que falta muita informação (Adolec6).

Seria interessante uma pessoa mais direcionada na área... seria melhor! (Adolec7).

Carneiro et al. (2015) validam a importância do profissional de saúde em âmbito escolar por permitir um espaço de diálogo em que os adolescentes podem se expressar. Os autores trabalharam sobre sexualidade e IST com adolescentes de uma escola pública e perceberam grande interação dos adolescentes, mesmo de meninas mais tímidas e, ao final, conseguiram avaliar que houve melhoria do conhecimento e uma visão ampliada em relação à imagem dos pais que eram alvo de críticas e indagações, além da importância dos grupos de pares para o desenvolvimento da reflexão, consciência e autonomia dos adolescentes.

Swartzmam et al. (2017) corroboram colocando a interdisciplinaridade como fundamental para resolubilidade de problemas complexos e melhoria do processo de ensino-aprendizagem dos alunos. É planejada junto à intersectorialidade que segundo Danno et al. (2016) a educação e a saúde favorecem as informações em torno da sexualidade e das IST em busca da promoção à saúde e da prevenção de agravos.

As palavras mais representativas da classe 6 – métodos preventivos foram: uso, proteção, camisinha masculina, anticoncepcional que indicaram um conhecimento significativo da camisinha e do anticoncepcional e um conhecimento deficitário quanto aos demais métodos preventivos, além da falta de adesão ao sexo protegido.

[...] com proteção ou não é relativo, eu uso anticoncepcional, tomo todo dia, certinho, no mesmo horário e sempre... na maioria das vezes eu uso camisinha, mas não é sempre, sempre dá aquela escapulida... assim (Adolec4).

[...] agora eu comecei a tomar anticoncepcional, mas a primeira relação foi só com camisinha (Adolec 6).

[...] algumas foi com preservativo, outras foi sem. Eu tomo anticoncepcional pra relações que forem sem né? (Adolec7).

Para a maioria dos entrevistados, os métodos preventivos se resumiram em camisinha masculina e anticoncepcional. Salienta-se que o método anticoncepcional é contraceptivo e não previne IST e a Adolec7 mostra total desconhecimento a respeito das IST, preocupando-se apenas com uma possível gravidez.

As narrativas a seguir mostram que os mesmos adolescentes que só utilizam o anticoncepcional e, às vezes, a camisinha, já ouviram falar de outros métodos.

É... O coito interrompido, tabelinha, anticoncepcional, DIU, mirena e... Não fazê nada, (risos) (Adolec4).

É... camisinha feminina e masculina, DIU, alguma coisa que é um adesivo... (risos), que eu não sei o nome, e... o anticoncepcional, e... a tabelinha, só que eu acho que não funciona muito né? E... Pílula do dia seguinte, não... não é contraceptivo né? Só depois de... Acho que só (Adolec6).

A camisinha, o anticoncepcional, o DIU, camisinha masculina e feminina, a tabelinha né? E só (Adolec7).

Esses depoimentos ratificam os achados Genz et al. (2017) ao referirem que a maioria dos meninos e meninas do estudo não conheciam a forma adequada de prevenção. Contreras-González et al. (2017) validam a informação de que a camisinha é o método mais comum entre os adolescentes e narram que mais da metade dos adolescentes, em seu estudo, utilizava a camisinha em todas as suas relações o que contradiz os achados de Genz et al. (2017). Para Villegas-Castaño e Tamayo-Acevedo (2016), a maioria não utiliza a camisinha ou não utilizaram na última relação sexual e, para Souza et al. (2017) a camisinha masculina foi o método mais conhecido.

Borges et al (2016) testificam o uso da pílula anticoncepcional entre os adolescentes brasileiros e acrescentam que não se conhece o suficiente sobre a utilização correta da camisinha masculina e a continuidade do uso entre eles.

E, enfim, a classe 7 - orientações recebidas na escola pelo professor onde as palavras mais representativas foram: melhor, menina, professor, explicar, palestra que evidenciaram maior liberdade de expressão, se assuntos sobre sexualidade e IST fossem abordados por um professor, mas, concomitantemente, os adolescentes relataram que essa abordagem não acontece na escola como gostariam.

[...] acho que tinha que ser um professor mais tranquilo, que tivesse mais intimidade com o pessoal, que eles confiassem mais porque acaba tendo muita vergonha, né? Um assunto mais complexo assim [...] (Adolec5).

Muito superficial... super... Aqui não tem muita palestra, só na aula de biologia, se tem na matéria ela vai falar sobre, mas só superficial. Eu gostaria que escola falasse isso [...] (Adolec7).

Um destaque importante a partir dos depoimentos é a fala de Adolec5. Trabalhar “assuntos complexos” convoca um professor tranquilo, que tenha construído laços de confiança com os alunos, tenha criado vínculos e, assim, aberto ao diálogo, sem preconceitos, sem julgamentos morais e com a razão e a emoção afinadas para a escuta das dúvidas, dos anseios e dos medos, pode-se inferir.

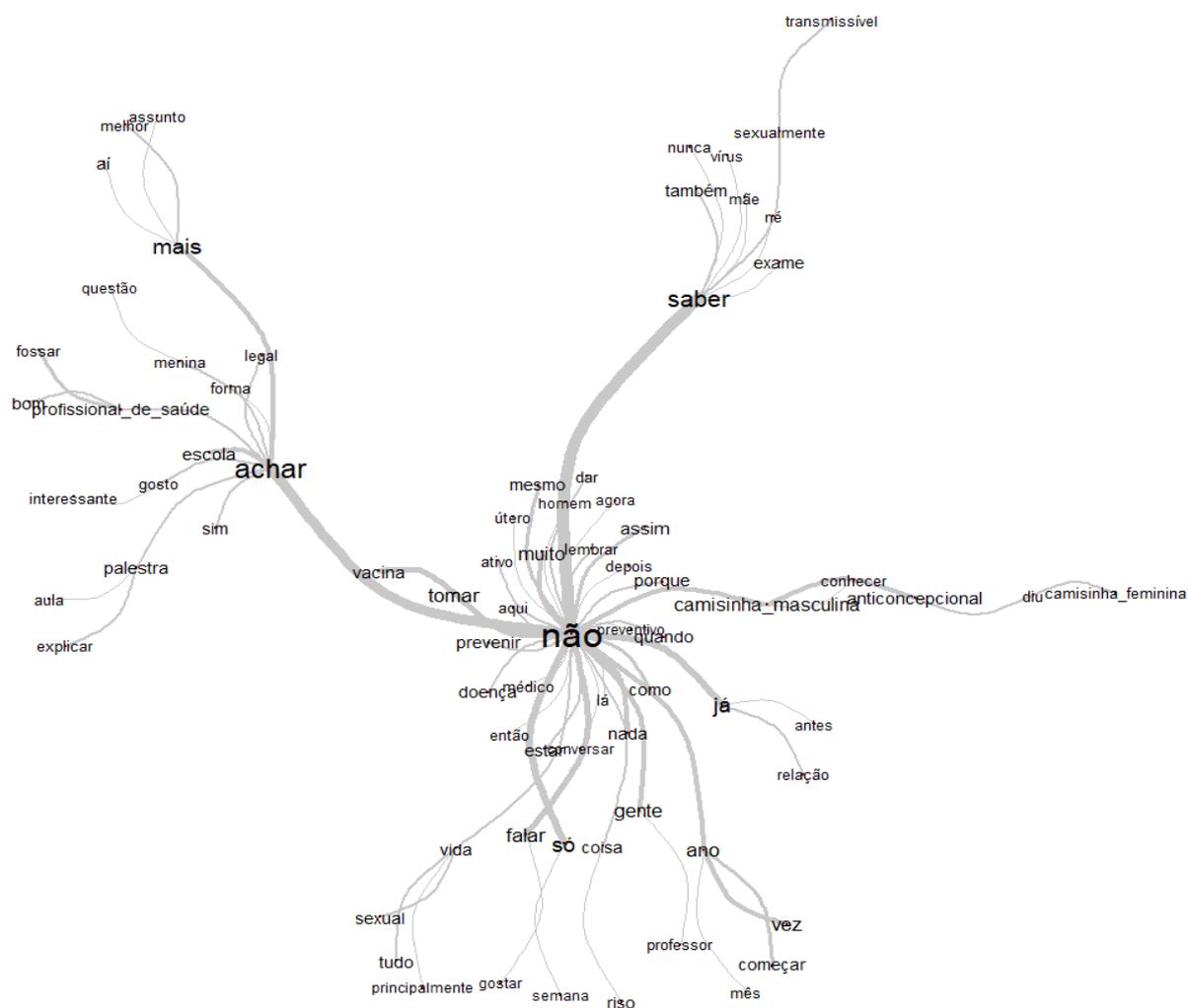
Apreende-se, pelas narrativas, o desejo dos adolescentes em estarem mais informados e preparados, não superficialmente, para esse momento da vida, educando-se efetivamente para o autocuidado. Outro fator que chama a atenção é o depoimento sobre o tratamento “desse assunto” somente por professor de ciências/biologia, biologizando apenas o corpo e não o corpo próprio do ser aí no mundo, vivo, racional, emocional, social e espiritual mostrando, ainda, um rompimento interdisciplinar e arraigado na disciplinaridade em que o estudo do corpo objetivado deixa a subjetividade fora dos muros escolares.

Maia et al (2016) acrescentam que as escolas abordam a temática sobre sexualidade de maneira deficiente colocando apenas uma visão biológica, separando a efetividade e não dando a devida importância de que educar conforme Higa et al. (2015) é mais do que instruir, é construir valores culturais e atitudes.

Posteriormente realizou-se a análise de similitude que possibilitou visualizar a concorrência entre as palavras, conectando-as e auxiliando na identificação da estrutura da representação

(SALVIATI, 2017) conforme pode ser visualizado, a seguir, pela Figura 2 que reforça a similaridade entre as palavras por classes obtidas pela CHD.

Figura 2 – Análise de similitude entre as palavras.



Fonte: dados da pesquisa, 2018.

A partir dessa representação gráfica, observa-se que ocorreu um leque semântico de palavras mais frequentes: não (133 vezes), achar (60 vezes) e saber (50 vezes). E, após análise genérica da árvore de similitudes, pode-se considerar por meio das conexões que a palavra “não” está permeada por palavras como preventivo, útero, vacina, doença, conversar, ativo, vida sexual, camisinha masculina, camisinha feminina, anticoncepcional indicando o déficit de conhecimento a respeito da sexualidade e HPV assim como a necessidade de conversar e obter informações.

Eu sei que é um vírus que é contaminado sexualmente e que também pode ser contaminado por sangue e por injeção [...] (Adolec1).

Então, é complicado. Risos. De todo mundo é, mais é ativa e já tive mais... mais de dois parceiros [...] com proteção ou não é relativo, eu uso anticoncepcional, tomo todo dia [...] (Adolec4).

Pelo método de nuvem de palavras, verificou-se que as palavras que obtiveram frequência relativa foram: não, achar, saber, tomar, camisinha masculina e anticoncepcional, que constaram 133, 60, 50, 31, 25 e 22 vezes na transcrição do corpus textual atestando as demais análises realizadas pelo software IRAMUTEQ e confirmando a interpretação e discussão dos dados.

O predomínio da palavra “não” denota o desconhecimento ou o conhecimento primário dos adolescentes acerca do HPV e da sexualidade, seguida da palavra “achar” que evidencia a necessidade de informações e atividades educativas. A palavra “saber” remete à relação intersubjetiva dos adolescentes com adultos que poderiam construir espaços de diálogos entre eles e que se constituem em um importante dispositivo de promoção de conhecimento além de possibilitarem a edificação de resposta social com a intencionalidade de superar as relações de vulnerabilidade entre adolescentes. E, a palavra “tomar”, revela a relação dos adolescentes com o conhecimento da vacina contra o HPV. As palavras camisinha masculina e anticoncepcional reafirmam o conhecimento limitado dos adolescentes deste estudo sobre os métodos preventivos.

As narrativas a seguir ilustram, respectivamente, as palavras mais frequentes:

É... sei que é uma doença sexualmente transmissível, mas exatamente definir eu não sei não (Adolec5).

[...] acho que seria legal por que nem todo mundo conhece e nem toda mãe tem liberdade de fala isso com os filhos (Adolec11).

Sei! Sei que previne no caso, não sei se acredito que previne, mas a gente toma né? (risos)... Eu já tomei, não sei te falar quantas vezes [...] (Adolec7).

Camisinha masculina... a feminina eu já fiquei sabendo, mas eu não sei como é que é... é... anticoncepcional (Adolec14).

Destarte, observa-se o anseio dos adolescentes por mais informações, as lacunas de conhecimento e a dificuldade de diálogo. Nesse contexto, visualiza-se com precisão a necessidade da educação em saúde podendo inferir a eficácia da articulação entre educação e saúde pelo desejo percebido nas falas dos adolescentes em adquirir informações o que fomenta comportamento de autocuidado e contribui significativamente para o desenvolvimento local sugerindo e acreditando na transformação social e na menor incidência de indivíduos infectados pelo HPV e mais consciência e autonomia para exprimir sexualidade.

Para tanto, é salutar incentivar a estratégia intersetorial do governo brasileiro, PSE, a fim de contribuir para o desenvolvimento dos adolescentes como futuros adultos que construirão uma sociedade hígida, livre, inclusiva e igualitária combatendo esse importante agravo da saúde pública e desmistificando os tabus que permeiam a sexualidade por meio de uma conduta de predisposição, a promoção da educação e saúde.

Portanto, cabe a nós profissionais da educação e saúde adentrar nesse cenário e nos colocarmos como atores nesse processo de desenvolvimento em prol de transformações sociais.

4 Conclusão

A pesquisa revelou o nível deficitário de conhecimento dos adolescentes escolarizados acerca do HPV, evidenciando lacunas de conhecimento em relação à sua transmissão, prevenção e rastreamento, manifestações clínicas e a oncogenicidade do vírus.

Outro fator relevante é a pouca adesão ao exame de preventivo por meninas sexualmente ativas, não somente por desconhecimento como também por receio de relatar a perda da virgindade aos pais. Quanto aos métodos preventivos, notou-se pouco conhecimento, sobressaindo somente dois métodos preventivos, camisinha masculina e camisinha feminina e, a pílula anticoncepcional foi mencionada por eles como método de escolha para prevenção e não como método contraceptivo.

Além disso, pode-se constatar que as meninas possuem mais conhecimento sobre as IST, HPV e a vacina contra o HPV do que os meninos atestando a necessidade da educação em saúde e divulgação de informações a respeito da vacina contra o HPV instituída no calendário vacinal para meninos no ano de 2017.

A pesquisa também mostrou que o PSE não acontece na escola estudada, mesmo considerada uma estratégia efetiva para a promoção à saúde dos adolescentes. Dentre os adolescentes que participaram da pesquisa, não houve menção de informações recebidas na escola

pelos profissionais de saúde, mas sim pelo professor e de forma deficitária, pois a abordagem é feita em conteúdos das aulas de biologia não fomentando um diálogo crítico e construtivo à mudança de comportamento e adesão ao autocuidado.

Nesse sentido, esta pesquisa pretende contribuir para os questionamentos no que tange à saúde do adolescente e conscientizar os educadores e profissionais de saúde a se envolverem com esse público a fim de reduzir os riscos inerentes à fase da adolescência, diminuir a incidência de infecção pelo HPV corroborando com uma vida adulta hígida em prol do exercício da cidadania para a construção de uma sociedade equânime e livre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Grayce Alencar et al. Saberes e práticas sexuais de adolescentes do sexo masculino: impactos na saúde. **R Enferm Cent O Min**, v.4, n.2, p.1146-60, 2014. Disponível em: <http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-754526> Acesso em 19 mar. 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BARUFFI, Luciane de Moura. Estudo exploratório do conhecimento das adolescentes sobre o papilomavírus humano relacionado ao câncer de colo do útero. **Revista UNILUS Ensino e Pesquisa**, Santos – SP, v.12, n.27, p.5-15, 2015. Disponível em: <http://revista.unilus.edu.br/index.php/ruep/article/view/373/u2015v12n27e373> Acesso em 05 de jun. 2017.

BORGES, Ana Luiza Vilela et al. ERICA: sexual initiation and contraception in Brazilian adolescents. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 50, supl. 1, 15s, 2016. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102016000200307&lng=en&nrm=iso Access on 23 sept. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s01518-8787.2016050006686>

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância de Doenças Transmissíveis. **Informe técnico da ampliação da oferta das vacinas papilomavírus humano 6, 11, 16 e 18 (recombinante) – vacina HPV quadrivalente (recombinante) e meningocócica C (conjugada)**. Brasília: Ministério da Saúde, 2018. Disponível em: <http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2018/marco/14/Informe-T--cnico-HPV-MENINGITE.pdf> Acesso em 02 jul. 2018.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância de Doenças Transmissíveis. **Guia Prático sobre HPV: perguntas e respostas**. Brasília: Ministério da Saúde, 2017. Disponível em: <http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2017/dezembro/07/Perguntas-e-respostas-HPV-.pdf> Acesso em 23 dez. 2017.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde Sexual e Saúde Reprodutiva**. Cadernos de Atenção Básica, n. 26 Brasília: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_sexual_saude_reprodutiva.pdf Acesso em 01 jun. 2017.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Passo a passo PSE: Programa Saúde na Escola tecendo caminhos da intersetorialidade**. Brasília: Ministério da Saúde, 2011. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/passo_a_passo_programa_saude_escola.pdf Acesso em 30 jun. 2017.

CAMPOS, Helena Maria et al. Saúde sexual, gênero e percepções de adolescentes sobre o preservativo feminino. **Adolesc. Saude**. Rio de Janeiro, v. 13, supl. 2, p. 26-32, 2016. Disponível em: http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=581 Acesso em 07 ago. 2018.

CARNEIRO, Rithianne Frota et al. Educação sexual na adolescência: uma abordagem no contexto escolar. **SANARE**, Sobral, v.14, n.1, p.104-108, 2015. Disponível em: <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/617> Acesso em 03 set. 2018.

CARVALHO, Fábio Luiz Oliveira de et al. HPV como principal precursor do câncer de colo de útero em adolescentes. **Revista de Saúde**, Paripiranga, Bahia, v.1, n.2, p. 23-36, 2018. Disponível em: <http://npu.faculdadeages.com.br/index.php/revistadesaude/article/view/94> Acesso em 03 set. 2018.

CARVALHO, Amarildo Vieira de; ALMEIDA, Obertal da Silva; SCALDAFERRI, Murilo Marques. Conhecimento das adolescentes do Colégio José Marcos Gusmão do município de Itapetinga – BA sobre o HPV e a prevenção do câncer de colo uterino. **Revista Ensino & Pesquisa**, v.12, n.1, p.77-100, 2014. Disponível em: <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/ensinoepesquisa/article/view/302/259> Acesso em 07 jun. 2017.

CAVALCANTI, Édila Figuerêdo Feitosa et al. Contribuição ao estudo da infecção pelo HPV em adolescentes: estratégias e desafios na abordagem desse grupo. **Adolesc. Saude**. Rio de Janeiro, v. 13, supl. 2, p. 150-157, 2016. Disponível em: http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=595 Acesso em 07 ago. 2018.

CHEHUEN NETO, José Antônio et al. Atitudes dos pais diante da vacinação de suas filhas contra o HPV na prevenção do câncer de colo do útero. **Cad. saúde colet.**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 248-51, 2016. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-462X2016000200248&lng=pt&nrm=iso Acesso em 05 jun. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1414-462X201600020275>

COLES, Victoria A. H et al. The association of human papillomavirus vaccination with sexual behaviours and human papillomavirus knowledge: a systematic review. **Int J STD AIDS**, v.26, n.11, p.777-88, 2014. Available from: <http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-25300588> Access on 22 mar. 2018.

CONTRERAS-GONZÁLEZ, R. et al. Nivel de conocimientos en adolescentes sobre el virus del papiloma humano. **Enfermería Universitaria**, México, v.14, n. 2, p. 104-110, feb. 2017. Disponible en: <http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-846807> Acceso en 19 marzo 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.reu.2017.01.002>

DANNO, Camila Hidemi et al. Adolescente: compreendendo sua susceptibilidade às lesões intraepiteliais cervicais. **Adolesc. Saude**. Rio de Janeiro, v. 13, n.3, p. 60-68, 2016. Disponível em: http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=607# Acesso em 13 out 2017.

FIGUEIREDO, Maria Cristina Oliveira; BARROS, Marcelo Diniz Monteiro. Orientação sexual: vivências de professores da rede pública de ensino e como esse tema transversal tem sido abordado. **Revista da SBEnBio**, n. 7, p. 5349-60, 2014. Disponível em: http://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/10620/2/marcelo_barrosemarcia_IOC_2014.pdf Acesso em: 10 jun. 2017.

FRIEDRICH, Henrique de Almeida; LIZOTT, Luiza Soster; KREUGER, Maria Regina Orofino. Analysis of students' knowledge about human papillomavirus. **DST J bras Doenças Sex Transm**, v.28, n.4, p.126-130, 2016. Available from: <http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-877767> Access on 19 mar. 2018.

GENZ, Niviane et al. Sexually transmitted diseases: knowledge and sexual behavior of adolescents. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, v.26, n.2, e5100015, 2017. Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072017000200311&lng=en&nrm=iso Access on 19 mar. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072017005100015>

GICHANE, Margaret W et al. Human papillomavirus awareness in Haiti: Preparing for a national HPV vaccination program. **J Pediatr Adolesc Gynecol**, 2016. Available from: <http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-27498340> Access on 22 mar. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jpag.2016.07.003>

GÓES, Flávia Temponi; MACHADO, Lucília Regina de Souza. Políticas Educativas, Intersetorialidade e Desenvolvimento Local. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 38, n. 2, p. 627-48, 2013. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/3172/317227370016/> Acesso em 14 out 2017.

HIGA, Elza de Fátima Ribeiro et al. A intersetorialidade como estratégia para promoção da saúde sexual e reprodutiva dos adolescentes. **Interface – Comunicação, Saúde e Educação**, n.19, p.879-891, 2015. Disponível em: <http://www.redalyc.org/comocitar.oa?id=180142195018> Acesso em 22 jun. 2017.

INSTITUTO NACIONAL DE CANCER. **Estimativa 2016**: incidência de câncer no Brasil. Rio de Janeiro: INCA, 2015. Disponível em: <http://www.inca.gov.br/estimativa/2016/estimativa-2016-v11.pdf> Acesso em 04 jun. 2017.

KOÇ, Zeliha. University students' knowledge and attitudes regarding cervical cancer, human papillomavirus, and human papillomavirus vaccines in Turkey. **J Am Coll Health**, v.63, n.1, p.13-22, 2015. Available from: <http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-25257501> Acess on 22 mar. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1080/07448481.2014.963107>

LARA, Lúcia A. S; ABDO, Carmita H. N. Age at initial sexual intercourse and health of adolescent girls. **J Pediatr Adolesc Gynecol**, 2015. Available from: <http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-26655691> Acess on 22 mar. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jpag.2015.11.012>

MACEDO, Etiene Oliveira Silva; CONCEICAO, Maria Inês Gandolfo. Significações sobre Adolescência e Saúde entre Participantes de um Grupo Educativo de Adolescentes. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 35, n. 4, p. 1059-1073, Dez. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932015000401059&lng=en&nrm=iso Acesso em 28 Ago. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703000552014>

MAIA, Tatiana Quaglio et al. Educação para sexualidade de adolescentes: experiência de graduandas. **Nexus Revista de Extensão do IFAM**, v. 2, n. 2, p. 71-78, 2016. Disponível em: http://200.129.168.183/ojs_proex/index.php/Nexus/article/view/101/67 Acesso em 07 jun. 2017.

MARANHÃO, Thatiana Araújo et al. Impact of first sexual intercourse on the sexual and reproductive life of young people in a capital city of the Brazilian Northeast. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 12, p. 4083-4094, 2017. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232017021204083&lng=pt&nrm=iso Acess on 23 sept. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-812320172212.16232015>

NERY, Inez Sampaio et al. Approach to sexuality in the dialogue between parents and adolescents. **Acta paul. enferm.**, São Paulo, v.28, n. 3, p. 287-292, 2015. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002015000300287&lng=en&nrm=iso Acess on 07 june. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0194201500048>

OLIVEIRA, Lucia Maria Pereira Pereira; ANDRADE, Viviane Abreu. Uma Contribuição do Ensino de Ciências para a discussão e a prevenção do HPV no contexto do Programa de Educação de Jovens e Adultos. **Revista Práxis**, ano VIII, n. 15, 2016. Disponível em: http://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/18164/2/viviane_eluciaoliveira_IOC_2016.pdf Acesso em 07 jun. 2017.

PANOSSO, Mariana Gomide; SOUZA, Silvia Regina de; HAYDU, Verônica Bender. Características atribuídas a jogos educativos: uma interpretação Analítico-Comportamental. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP. v. 19, n.2, p. 233-242, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v19n2/2175-3539-pee-19-02-00233.pdf> Acesso em 01 ago. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0192821>

PRAYUDI, Pande Kadek Aditya et al. Impact of human papiloma vírus vaccination on adolescent knowledge, perception of sexual risk and need for safer sexual behaviors in Bali, Indonesia. **J Obstet Gynaecol Res**, v.42, n.12, p.1829-38, 2016. Available from: <http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-27762471> Acess on 22 mar. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1111/jog.13123>

RODRÍGUEZ, Oscar Alejandro Palacios; MARTÍNEZ, Silvia Larisa Méndez; TEJADA, Dulce María Galarza. Promoción de la salud sexual ante el riesgo del virus del papiloma humano en adolescentes.

Hacia Promoc Salud, v.21, n.2, p.74-88, 2016. Disponible en: <http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-868988> Acceso en 19 marzo 2018.

SALVIATI, Maria Elisabeth. **Manual do aplicativo iramuteq (v3rsion 0.7 alpha 2 e R vers3o 3.2.3)**: compila33o, organiza33o e notas de Maria Elisabeth Salviati. Planaltina, 2017. Dispon3vel em: <http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/manual-do-aplicativo-iramuteq-par-maria-elisabeth-salviati> Acceso en 20 set. 2018.

SCHWARTZMAN, Ulises Prieto y et al. Interdisciplinarity: an indispensable reference for the bioethics teaching-learning process. **Rev. Bio3t.**, Bras3lia, v. 25, n. 3, p. 536-543, 2017. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-80422017000300536&lng=en&nrm=iso Access on 17 Sept. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1983-80422017253210>

SOUZA, V3nia de et al. Knowledge, experiences and beliefs in the sexual field: a study of 1st and 2nd year high school students from different socioeconomic backgrounds. **REME – Rev Min Enferm**, v.21, e-991, 2017. Available from: <http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-869321> Access on 22 mar. 2018.

TURIHO, Andrew Kampikaho et al. Human papillomavirus (HPV) vaccination and adolescent girls' knowledge and sexuality in Western Uganda: A comparative cross-sectional study. **PLoS One**, v.10, n.9, e0137094, 2015. Available from: <http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-26327322> Access on 22 mar. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0137094>

VAIDAKIS, Dennis et al. Knowledge of Greek adolescents on human papilloma virus (HPV) and vaccination: a national epidemiologic study. **Medicine**, v.96, n.1, e5287, 2017. Available from: <http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-28072683> Access on 22 mar. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1097/MD.00000000000005287>

VILLEGAS-CASTAÑO, Aracelly; TAMAYO-ACEVEDO, Luc3a Stella. Prevalencia de infecciones de transmisi3n sexual y factores de riesgo para la salud sexual de adolescentes escolarizados, Medell3n, Colombia, 2013. **Iatreia**, v.29, n.1, p. 5-17, 2016. Disponible en: <http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-776274> Acceso en 19 marzo 2018.

ZANINI, Natalie Vieira et al. Motivos para recusa da vacina contra o papilomav3rus humano entre adolescentes de 11 a 14 anos no munic3pio de Maring3-PR. **Rev Bras Med Fam Comunidade**, v.12, n.39, p.1-13, 2017. Dispon3vel em: <http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-877085> Acceso en 20 mar. 2018. DOI: [https://doi.org/10.5712/rbmfc12\(39\)1253](https://doi.org/10.5712/rbmfc12(39)1253)

ZOUHEIR, Yassine et al. Knowledge of human papillomavirus and acceptability to vaccinate in adolescents and young adults of Moroccan population. **J Pediatr Adolesc Gynecol**, v.29, n.3, p. 292-98, 2015. Available from: <http://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/mdl-26612116> Access on 22 mar. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jpag.2015.11.002>